

Palavras chaves: feminismos negros; Afropessimismo; Hip Hop

A presente pesquisa emerge de uma trajetória pessoal e acadêmica que se entrelaça profundamente com a cultura hip hop e as experiências de mulheres negras no contexto brasileiro. Desde o ingresso na vida acadêmica, a intenção de dialogar com o hip hop no ambiente acadêmico se fez presente, mesmo diante de resistências iniciais que questionavam sua relevância como campo de conhecimento e a objetividade de abordagens focadas em afetos. A desvalorização e exclusão de produções da diáspora africana e de tradições periféricas do cânone do conhecimento válido refletem uma hierarquização de saberes, conforme destaca Ramón Grosfoguel (2016). A persistência em falar sobre Hip Hop foi fortalecida pelo encontro com a Profa. Dra. **Alexandra Eliza Vieira Alencar**², cuja orientação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) motivou a exploração das manifestações afetivas de mulheres negras no Hip Hop, analisando canções da artista **Drik Barbosa**³. O trabalho, que abordou os sentidos das músicas da artista sob a lente dos feminismos negros, reafirmou o Hip Hop como um espaço de transformação para mulheres negras, capaz de desafiar imaginários sociais limitantes e propor narrativas centradas em cuidado, amor e fortalecimento coletivo. A obra da artista, nesse sentido, evidenciou a música como um caminho para a autorrecuperação⁴ (**hooks**, 2023). Essa investigação no TCC consolidou a categoria analítica "rap como território emocional", que se revelou crucial para a interpretação das manifestações artísticas rapper à luz dos feminismos negros. A análise aprofundada

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (2026)

² A escolha por destacar em negrito os nomes de autoras e autores negros visa desconstruir a ideia hegemônica de que as produções acadêmicas e culturais são predominantemente de autoria de escritores brancos. Essa prática busca valorizar as contribuições intelectuais de pessoas negras, evidenciando a relevância de suas vozes no debate acadêmico e social.

³ Adriana Barbosa de Souza, conhecida artisticamente como Drik Barbosa, nascida em 1992, é uma rapper e compositora nascida em Santo Amaro, São Paulo. Iniciou sua trajetória na Batalha do Santa Cruz e ganhou projeção nacional ao colaborar com o rapper Emicida e integrar a produtora Laboratório Fantasma. Além da carreira solo, que mescla rap e R&B em obras como o álbum *Drik Barbosa* (2019), EP *Espelho* e o EP *Nós*, a artista faz parte do coletivo Rimas & Melodias.

⁴ O conceito de Autorrecuperação, cunhado por bell hooks (2023), refere-se ao processo pelo qual indivíduos negros, especialmente mulheres, se engajam na reconexão com sua história e identidade para superar a desumanização sistêmica. Neste processo, o amor é encarado como uma prática de resistência e cura, e a linguagem como ferramenta central para a formação de uma consciência crítica, permitindo a afirmação do sujeito como protagonista de sua história.

das canções ("Camélia," "Herança" e "Sobre Nós") demonstrou que a artista ressignifica as vivências das mulheres negras, articulando o amor, o autocuidado e a ancestralidade como práticas transformadoras e atos políticos. Portanto, esta conclusão não apenas desafiou estigmas, mas, principalmente, reposicionou as mulheres negras no centro de suas histórias. O estabelecimento do rap como um espaço de cura no TCC constitui, assim, o ponto de partida conceitual e a base teórica essencial para as reflexões propostas no presente projeto de mestrado. Alinhada a esta perspectiva, a música de **Drik Barbosa** se constitui como um projeto de resistência negra feminina dentro do Hip Hop. A artista faz emergir a noção de liberdade como seu pilar estruturante, afirmando que concebe seu trabalho como uma "camélia"⁵, símbolo de resistência e liberdade, capaz de inspirar e libertar outras mulheres negras. Ademais, ela reforça que, apesar de uma aparente liberdade na sociedade contemporânea, o peso histórico da escravização e de suas heranças segue impondo limitações que inviabilizam e aprisionam as mulheres negras (**Cardozo**, 2024).

A crítica apresentada na obra de **Drik Barbosa**, sobre a persistência dos limites impostos pela herança da escravização, exige uma compreensão mais profunda do que significa a liberdade para o sujeito negro. É neste ponto que se torna indispensável a contribuição de teóricos como **Saidiya V. Hartman** e **Frank B. Wilderson III**, cujas formulações revelam a fundação paradoxal da liberdade na sociedade moderna. **Hartman (2022)** argumenta que a liberdade, a cidadania e a própria definição do sujeito burguês são construídas por meio de uma negação ontológica, na qual o sujeito escravizado funciona como o objeto ou a base que, por contradistinção, torna o sujeito livre possível. Da mesma forma, **Wilderson III (2021)** sublinha que a ausência de consentimento e a violência contra as pessoas negras é a condição de possibilidade para a liberdade de todos os outros.

Esta proposta de pesquisa, portanto, se insere no campo da Antropologia, alinhada a Antropologia Feminista, e tem como tema central os sentidos de liberdade de mulheres negras na cena hip hop em Florianópolis. O objeto de estudo concentra-se nas narrativas e práticas dessas mulheres, buscando compreender como elas produzem suas humanidades e liberdades por meio de suas atuações no hip hop, em uma cidade que,

⁵ A camélia foi um símbolo antiescravista durante o movimento abolicionista brasileiro no século XIX. Era cultivada no Quilombo do Leblon e utilizada pelos defensores da libertação ("batalhas das flores") para identificar e auxiliar escravizados fugitivos nas ruas (**Ramos**, 2017, p. 20).

historicamente, se caracteriza pelo apagamento da presença da população negra, conforme Leite (1996) e Alencar (2006 e 2021).

A pesquisa se alinha à antropologia brasileira, que, conforme Mariza Peirano (1999), se fundamenta na alteridade, permitindo uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e culturais. Destacar o papel da mulher negra como protagonista de suas próprias narrativas e processos de positivação é crucial. Dada a atuação e, paradoxalmente, a invisibilidade das mulheres negras na cena hip hop em Florianópolis, este estudo é essencial para preencher uma lacuna nas pesquisas sobre suas representações sociais, contribuindo para ampliar os debates sobre interseccionalidade, subjetividades, afetos e práticas afro-diaspóricas. A viabilidade desta pesquisa é intrínseca à minha trajetória pessoal e profissional como mulher negra, produtora cultural e participante ativa da cena Hip Hop há mais de uma década. Alinhando-me ao pensamento de **Larissa Amorim Borges** (2012) e **Patricia Hill Collins** (2019), que defendem que as vivências em culturas como o Hip Hop geram formas únicas de conhecimento, inacessíveis a olhares externos, a minha imersão e contato direto com esse universo garantem um acesso privilegiado e uma perspectiva situada. Este saber localizado e corporificado emerge das ruas, dos encontros, das músicas, proporcionando uma base sólida para a coleta e análise de dados.

Minha conexão com o Hip Hop remonta à infância, mas foi na adolescência que me tornei uma participante ativa em eventos da cultura, evoluindo para a produção cultural. Como resultado dessa trajetória, produzo há 9 anos o *Baile do Uriçamento*, articulando ações como palestras, *pocket shows*⁶, DJs⁷, batalhas de rima e *best trick*⁸. Este movimento não só me inseriu profundamente na cultura, como me permitiu estabelecer uma vasta rede de contato com inúmeras pessoas e coletivos da cena Hip Hop, especialmente no cenário gaúcho. Ao me mudar para Florianópolis em 2020, rapidamente busquei e me integrei à cena local, participando de eventos públicos e privados, conhecendo artistas e coletivos. Minhas atividades na capital catarinense incluem atuações como jurada e produtora em batalhas de rima, participação na

⁶ Refere-se a uma apresentação musical de curta duração e estrutura técnica reduzida ou simplificada. É um formato intimista, muito utilizado para promover lançamentos ou integrar programações com múltiplas atrações.

⁷ A prática DJing, ou discotecagem, é caracterizada pela utilização de *samplings*, que são colagens de diferentes melodias sobre uma base rítmica intensa e cadenciada.

⁸ Categoria competitiva de skate focada na execução de uma única manobra de alto impacto ou complexidade. Vence o atleta que realizar o movimento mais difícil ou criativo dentro do período estipulado ou em um obstáculo determinado.

produção do Street Art Tour⁹, e consultoria para a produção do documentário *O Risco das Ruas - KL Jay*¹⁰. Essas experiências práticas, aliada aos cursos de produção e mercado cultural que realizei, somam-se ao meu desejo de conectar o que é vivido fora da academia com o rigor do ambiente acadêmico. Assim, a viabilidade da pesquisa está assegurada pela minha dupla condição de agente da cultura e pesquisadora. A originalidade do trabalho reside na sua abordagem a partir de uma perspectiva afropessimista e antinegra. Embora o hip hop tenha emergido como prática cultural de resistência nos guetos negros e latinos de Nova York nos anos 1970, o afropessimismo nos força a um repensar profundo. Como pensar o hip hop, com sua potência criativa, política e estética, diante da hipótese de que a negritude não é reconhecida como sujeito humano pleno dentro da ordem social moderna? Essa indagação central, pautada em autores como **Wilderson III** (2021), que afirma a criminalização da existência negra não como falha do sistema, mas como seu funcionamento regular, permite analisar como as narrativas dessas mulheres revelam não apenas apagamentos e estigmas, mas também resistência cotidiana, reinvenção estética e produção de sentidos e sentires em um contexto que insiste em invisibilizá-las (Leite, 1996). A arte, nesse contexto, ganha centralidade como campo de disputa, ecoando **Denise Ferreira da Silva** (2019) ao propor a arte como prática de radicalização, capaz de mobilizar uma "poética feminista negra" para dismantlar as formas de racialização e desafiar as estruturas de poder. A relação das mulheres negras com o hip hop pode ser lida como uma prática estética radical que tensiona a própria ideia de sujeito moderno.

Objetivo Geral

Nesse cenário, a pesquisa se propõe analisar os sentidos de liberdade produzidos por mulheres negras da cena hip hop em Florianópolis, a partir da perspectiva afropessimista, antinegitude e feminismos negros, compreendendo como suas vivências e produções artísticas constroem a noção de humanidade em um contexto de apagamento e desumanização.

⁹ O Street Art Tour é um movimento de valorização e produção da arte urbana de Florianópolis.

¹⁰ Kleber Simões da Silva é DJ, produtor musical e membro fundador do grupo Racionais MC's. Pioneiro do Hip Hop brasileiro, sua atuação estende-se ao empreendedorismo (Cosa Nostra, 4P, KL Música) e à formação de novos artistas através de eventos como o Campeonato Hip Hop DJ e o Festival Sample. Em 2023, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Unicap por sua contribuição à cultura e à arte periférica.

Objetivos específicos

- Descrever a cena hip hop em Florianópolis e o lugar das mulheres negras nesse cenário.
- Investigar como as mulheres negras da cena hip hop em Florianópolis percebem e narram suas experiências e agências dentro do movimento.
- Analisar as estratégias estéticas e discursivas empregadas por essas mulheres em suas produções artísticas no hip hop.

REFERENCIAL TEÓRICO

A cultura hip hop, com suas origens nos bairros periféricos negros e latinos dos Estados Unidos nos anos 1970, é amplamente reconhecida como uma resposta poderosa às múltiplas formas de opressão (**Bambaataa**, 2025; **Rose**, 1997; **Richard**, 2005). Seus pilares - rap¹¹, DJing, breakdance¹², grafite¹³ e conhecimento - configuraram um movimento que buscou promover união e desviar jovens da violência. No Brasil, o hip hop se consolidou nas periferias urbanas, especialmente em São Paulo, como uma voz de denúncia contra as desigualdades estruturais que afetam a população negra (**Souza**; **Silva**, 2021). No entanto, ao analisar essa agência, a perspectiva afropessimista nos convida a investigar seus limites dentro de uma estrutura que nega à negritude a própria condição de interlocutora. Para **Wilderson III** (2021), não existe para os negros um tempo ou espaço original de liberdade e consentimento, pois a liberdade usufruída pela sociedade civil é estruturalmente possibilitada pela ausência de liberdade e pela violência sofrida pelas pessoas negras. A dicotomia entre periferia e centro, como argumenta **Borges** (2012), opera como uma estratégia de hierarquização que invisibiliza antagonismos e estigmatiza a periferia. Embora **Borges** reafirme a periferia como "território sonoro, criativo e repleto de possibilidades", a lente afropessimista sugere que, mesmo nesses espaços de produção de vida, a existência negra pode seguir sendo tratada como excesso, ruído ou ameaça (**Vargas**, 2020). A antinegritude, para

¹¹ O rap combina batidas com rimas poéticas que refletem o contexto social, cultural e político em que se está inserido.

¹² O breakdance é um estilo de dança caracterizado por uma série de passos rápidos, poses e movimentos acrobáticos.

¹³ O grafite é uma forma de arte urbana que consiste em criar desenhos em espaços públicos, como paredes, edifícios e ruas.

João Vargas, opera como uma lógica de fundo da sociedade, imune a reformas pontuais, o que aprofunda a compreensão dos desafios da agência no contexto do hip hop. Dentro do movimento hip hop, a experiência das mulheres negras é atravessada por camadas adicionais de invisibilidade e silenciamento. Apesar de sua participação fundamental na produção política e cultural (**Matias-Rodrigues; Araújo-Menezes**, 2014), prevalece um discurso predominantemente masculino (**Souza; Silva**, 2021). **Angela Maria de Souza** (2006; 2012) aponta para as dificuldades de ocupação de espaços e a representação de suas vivências, que frequentemente são associadas a masculinidades. A "cultura de rua", marcada por divisões de gênero e expectativas sociais, impõe restrições acentuadas para as mulheres (Lima, 2016).

Essa opressão é intensificada pela interseccionalidade, conceito fundamental desenvolvido por ativistas negras nos Estados Unidos (Collins; Bilge, 2021) e aprofundado no Brasil por pensadoras como **Sueli Carneiro** (2015), e **Lélia Gonzalez** (2020) ao propor o conceito de amefricanidade¹⁴. A interseccionalidade, sob a ótica afropessimista, não se limita a somar opressões de raça, gênero e classe, ela permite compreender como a mulher negra pode encarnar a "não-existência" ou a "contraparte da humanidade" em múltiplas dimensões. **Frantz Fanon** (2020) argumenta que falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, acima de tudo assumir uma cultura, nesse sentido falar uma língua, ou criar por meio do rap, da dança, do graffiti ou da mixagem, é também habitar um mundo. A pesquisa, à luz do afropessimismo, se propõe a investigar como, em um mundo racializado que não reconhece plenamente essa fala como legítima, pois a linguagem, assim como a humanidade, é seletiva, essas mulheres, em sua prática no hip hop, produzem e afirmam sua existência.

Ao situar essa discussão em Florianópolis, percebe-se a manifestação local do projeto de antinegritude. Fábio Garcia (2017) observa o aumento da população negra na cidade e a necessidade de compreender como o racismo se manifesta nas dinâmicas sociais locais. Ilka Boaventura Leite (1990; 1996) destaca que a invisibilidade do negro não é decorrente de sua ausência física, mas de um projeto político de apagamento, especialmente visível no Sul do Brasil, onde a identidade regional é construída pela negação da presença negra e pela exaltação da "branquidade". Essa construção reforça o funcionamento regular da antinegritude no contexto local, visto que, quanto mais

¹⁴ Identidade cultural e política que reconhece e valoriza as contribuições dos povos originários e da diáspora africana na formação da América Latina.

distante do ideal de brancura, menos o indivíduo é relacionado à ideia de pertencimento local, dado que a população catarinense é concebida como ariana (**Maia**, 2018). Desse modo, pertencer a Santa Catarina e, por conseguinte, a Florianópolis não se restringe ao fato de nascer e residir nesses lugares, mas sim à posse de um conjunto de atributos capazes de garantir a inclusão local (**Maia**, 2018).

Esse processo de exclusão é evidente nas divisões urbanas de Florianópolis, como aponta **Souza** (2009), entre a "Ilha da Magia" e o Continente, uma separação não apenas geográfica, mas social e simbólica, que esconde profundas desigualdades. Nesse cenário, o movimento hip hop local surge como um contraponto, com a periferia assumindo o papel de reflexão sobre a cidade através da música.

Isabel Garcia (2017) complementa essa discussão ao abordar os processos de higienização violenta que afetam comunidades negras e periféricas, e como o rap emerge como forma de resistência e preservação da cultura. Embora o hip hop vocalize essas barreiras e desigualdades, a pesquisa buscará analisar como ele atua na criação de frestas em um contexto onde a lógica da antinegritude persiste. A análise das dinâmicas culturais das populações afro-brasileiras, central para compreender o hip hop como uma prática afro-diaspórica, conforme **Paul Gilroy** (2001) e sua concepção do "Atlântico Negro", ganha profundidade ao considerar o afropessimismo. A diáspora, marcada por deslocamento e reterritorialização, cria fluxos culturais que desafiam noções tradicionais de identidade. Dentro dessa "cultura do Atlântico Negro", o hip hop das mulheres negras em Florianópolis representa um campo fértil para investigar as estratégias de forjar e reafirmar humanidades negadas, de construir subjetividades e de expressar sentidos em um cotidiano que insiste em sua desumanização.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica que orientará esta pesquisa, visando alcançar os objetivos propostos, fundamenta-se em uma perspectiva qualitativa para investigar os sentidos de liberdade construídos e expressos por mulheres negras na cena hip hop de Florianópolis. A metodologia está organizada em etapas complementares e interligadas, buscando uma exploração aprofundada e coesa das narrativas e práticas dessas mulheres. O percurso metodológico será iniciado com uma revisão bibliográfica aprofundada. Esta fase é crucial para contextualizar a pesquisa, reunindo as principais

obras e artigos sobre a cultura hip hop, a interseccionalidade e as representações de mulheres negras no Brasil. Conforme Sérgio Vasconcelos de Luna (1999) destaca, a pesquisa bibliográfica é essencial tanto para estudos de campo quanto para aqueles baseados exclusivamente em documentos. Serão analisados textos-chave de autoras do Pensamento Negro, como **Angela Maria de Souza, Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez e bell hooks**, em diálogo com os fundamentos da abordagem Afropessimista e Antinegitude em **Denise Ferreira da Silva, Frank B. Wilderson III, Osmundo Pinho e Saidiya Hartman**. Essa revisão permitirá a compreensão da participação das mulheres negras no hip hop e, simultaneamente, o aprofundamento da reflexão sobre as intersecções de raça e gênero, ancorando a análise na crítica sobre a posição do negro como não-humano e objeto e o caráter estrutural da violência antinegra na modernidade. Optar por dialogar com saberes contra-hegemônicos, sobretudo produzidos por mulheres negras, constitui não apenas uma escolha metodológica, mas também política e ética, alinhando-se ao conceito de transmodernidade¹⁵ articulado por Enrique Dussel (2008). A partir dessa base teórica, a pesquisa se fundamentará em uma abordagem etnográfica do particular, conforme sugere Lila Abu-Lughod (1990). O intuito é acolher os fragmentos, as singularidades e os sentidos contraditórios da experiência, buscando desestabilizar estereótipos e ideias generalizantes sobre as trajetórias das mulheres negras. Inspirada por Abu-Lughod, a metodologia se esforçará para construir uma etnografia que não generalize, mas que compreenda as particularidades de cada percurso. Nesse sentido, será mobilizada a metáfora do *patchwork* (Gil, 2019) como estratégia metodológica: uma colcha de retalhos que costura histórias, afetos, saberes e resistências, tensionando as práticas acadêmicas marcadas por androcentrismo, colonialidade e epistemologias hegemônicas. Ao trazer essa imagem, a pesquisa dialoga com o conceito de “pensamento cuidadoso” de Maria Puig de la Bellacasa (2017), que propõe um modo ético e situado de produzir conhecimento e agir no mundo.

Essa abordagem metodológica etnográfica reconhece a importância dos saberes localizados, como denomina Donna Haraway (1995), referindo-se a uma ciência parcial, situada, responsável e comprometida com a vigilância epistemológica. No

¹⁵ A *Transmodernidade*, segundo Enrique Dussel, é o projeto decolonial que busca a superação do sistema-mundo capitalista, patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista através de uma nova fundação epistêmica, valorizando a produção de conhecimento a partir das culturas periféricas em favor da pluri-versidade e da libertação.

campo da etnografia, é fundamental que a pesquisadora aceite uma posição que transcende a mera representação, sendo "bombardeada" por intensidades específicas, denominadas afetos, que devem ser vivenciadas (Favret-Saada, 2005). Essa experiência de ser afetada pelo campo modificará o repertório de imagens da pesquisadora, estabelecendo uma comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade com as interlocutoras.

Reconhecendo a dimensão ética e afetiva da pesquisa, a imersão demandará a manutenção constante do meu autocuidado, visto como um exercício de vigilância epistemológica. Nesse percurso de diálogo com mulheres cujas histórias se entrelaçam à minha, buscarei o espelho de abebé Oxum e Iemanjá, proposto por **Conceição Evaristo** (2021), que ao refletir a dignidade, a beleza e a potência do corpo negro, será utilizado como um mecanismo de vigilância epistemológica para fortalecer o meu lugar de fala e combater o esvaziamento do meu corpo-pesquisadora.

A observação participante em eventos da cultura Hip Hop, públicos e privados, como festas, *shows*, *pocket shows* e batalhas de rima, será central para a etnografia, pois permitirá a compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e do sentido das experiências individuais dentro desse contexto cultural. Fonseca (1999) enfatiza que não se deve limitar às entrevistas, pois a observação permite acessar "outras linguagens" além da fala, como atos e hábitos cotidianos. No que tange à reflexividade, Fonseca (1999) argumenta que ela se manifesta em um processo contínuo de "ida e volta" entre o universo simbólico da pesquisadora e o do "outro". A autora adverte, ainda, para que a reflexividade não se confunda com uma fusão narcísica entre sujeito e objeto, mas que ocorra pelo reconhecimento das diferenças, o que otimiza a comunicação e garante a profundidade da análise. Em sequência à fundamentação teórica, a etapa empírica será conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas. O estudo prevê a realização de, no mínimo, quatro entrevistas individuais com agentes da cena Hip Hop em Florianópolis: artistas, ativistas, produtoras e educadoras. A materialidade e a exequibilidade desta fase se confirmam pela prévia identificação de potenciais participantes, construída ao longo do meu percurso na cena. Entre os nomes já mapeados e com os quais se buscará contato estão: **Mana Moa, Juanita, Jubs Black, D.R.E Mc e o coletivo Pretas Power.**

O objetivo é capturar as experiências, desafios e conquistas dessas mulheres em suas trajetórias. Conforme Teresa Haguette (1997) aponta, as entrevistas serão planejadas para proporcionar um ambiente de confiança e confidencialidade. As

perguntas serão abertas e fechadas, permitindo que as entrevistadas compartilhem suas histórias e reflexões com base em um roteiro que segue o fluxo natural da conversa, como sugerido por Pierre Bourdieu (1999). As entrevistas serão gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas qualitativamente para identificar padrões e singularidades em suas experiências.

A pesquisa busca contribuir para a produção de conhecimento que valorize as epistemologias e vivências de mulheres negras, articulando-as com o debate sobre o afropessimismo, antinegitude e os feminismos negros.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. Can there be a feminist ethnography? **Women & Performance: a journal of feminist theory**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 7-27, 1990.

ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. Re-existências: notas de uma antropóloga negra em meio a concursos públicos para o cargo de magistério superior. **Revista de Antropologia**, v. 64, p. e189647, 2021.

ALENCAR, Alexandra (Dir.). **Cidadão Invisível**. [Florianópolis]: [s. n.], 2006. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Moreno Malbec. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_nzJBbwWHeQ. Acesso em: 23 nov. 2025.

BAMBAATAA, África. **Nação Zulu Universal**. [S. l.]: Zulu Nation, [2025]. Disponível em: <https://www.zulunation.com/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BELLACASA, María Puig de la. Pensar con cuidado. Parte I. **Concreta**, [S. l.], n. 9, [2017?]. Disponível em: [endereço eletrônico]. Acesso em: 20 jul. 2025.

BORGES, Larissa Amorim. Nas Periferias do Gênero: Uma mirada psicossocial feminista sobre a experiência de mulheres jovens participantes do Hip Hop e do Funk. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA (JUBRA), 5., 2012, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: V JUBRA, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3. ed.

Petrópolis: Vozes, 1999. CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2015.

CARDOZO, Diennifer Eloísa Campos. **Entre o rap e a cura**: os sentidos das músicas de Drik Barbosa sob a lente dos feminismos negros. 2024. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/263105>. Acesso em: 23 nov. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DUSSEL, Enrique. Anti-meditaciones cartesianas: sobre el origen del anti-discurso filosófico de la modernidade. **Tabula Rasa**, [S. l.], v. 9, p. 153-197, 2008.

EVARISTO, Conceição. **[Conferência] Clamar no deserto entre o poder falar e o poder de se fazer ouvir**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero [canal do YouTube], 2021. 1 vídeo (2:02:59). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r7HTntXLoRA>. Acesso em: 17 nov. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso – pesquisa etnográfica e educação. **Revista de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

GARCIA, Fábio (Org.). **Política Cultural de Florianópolis de Santa Catarina**:

legislação, Plano Municipal de Cultura, gestão e equipamentos culturais.

Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes Publicações, 2017.

GARCIA, Isabel. Ritmo, poesia e resistência: as batalhas de rap em Florianópolis.

Entrevista concedida a Rafael Thomé. Florianópolis: Diário Catarinense, 2017.

Disponível em:

http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_nos_97_rapfloripa/index.html. Acesso em: 20 jul. 2025.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo;

Rio de Janeiro: Editora 34; Universidade Cândido Mendes, 2001.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS,

Flávia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, disciplinas e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. [Página inicial-final do capítulo, se houver].

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et

al. **Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos**. Brasília:

ANPOCS, 1983. (Ciências Sociais Hoje, n. 2). p. 223-244.

GREGORIO GIL, Carmen. Explorar posibilidades y potencialidades de una etnografía

feminista. **Disparidades. Revista de Antropología**, [S. l.], v. 74, n. 1, p. e002a,

jan./jun. 2019.

GROSFOGUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades

ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas em Sociologia**. 5. ed.

Petrópolis: Vozes, 1997.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o

privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

hooks, bell. **"E eu não sou uma mulher?"**: mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvi Libanio. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Scenes of subjection: Terror, slavery, and self-making in nineteenth-century America**. WW Norton & Company, 2022.

hooks, bell. **Irmãs do inhome**: mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEITE, Ilka Boaventura. Territórios de Negros em Área Rural e Urbana: Algumas Questões. **Textos e Debates NUER - Núcleo de Estudos Sobre Identidade e Relações Interétnicas**, Florianópolis, n. 2, [p. inicial-final], 1990.

LIMA, Mércia Ferreira de. **Desacordes de gênero em um movimento artístico-cultural**: os lugares das mulheres no hip hop de Campina Grande-PB. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/127/3/M%C3%89RCIA%20FERREIRA%20DE%20LIMA%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20PPGCS%20CH%202016.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999.

MAIA, Cauane Gabriel Azevedo et al. "A revolução vem do pastinho": escrituras antropológicas sobre vozes negras em Florianópolis-SC. 2018.

MATIAS-RODRIGUES, Maria Natália; DE ARAÚJO-MENEZES, Jaileila. **Jovens mulheres**: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 12, n. 2, p.

703-715, 2014.

PINHO, Osmundo. 2021. **Cativeiro**: Antinegitude e Ancestralidade Salvador: Segundo Selo. 300 pp.

PEIRANO, Mariza G. S. A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil. **Série Antropologia**, Brasília, n. 252, p. 1-26, 1999.

RAMOS, Lazaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RICHARD, Big. **Hip-hop**: consciência e atitude. São Paulo: Livro Pronto, 2005.

ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90**: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. [Página inicial-final do capítulo, se houver].

SILVA, Denise Ferreira da. A dívida impagável. In: SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. p. 85-120.

SOUZA, Angela Maria. **A globalização do Movimento Hip Hop**: estabelecendo relações de consumo e gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL - FAZENDO GÊNERO, 7., 2006.

SOUZA, Angela Maria. **Deslocamentos na cidade**: o Movimento hip hop nos/dos bairros de Florianópolis. Revista de Ciências Humanas (UFSC), Florianópolis, v. 43, n. 1, p. 549-562, 2009.

SOUZA, Angela Maria. **Repensando as Relações de Gênero no Movimento hip hop**. **Revista Pedagógica (Unochapecó. Online)**, Chapecó, v. 14, n. 27, p. 477-504, 2012.

SOUZA, Angela Maria; SILVA, Ronaldo. O rap afro-latino-americano: transpondo fronteiras. SOUZA, Angela Maria; SILVA, Ronaldo; SANTANA, Janaína de Jesus

Lopes. (orgs.). **O Movimento Hip Hop na América Latina desde as fronteiras sociopolíticas e culturais**. Foz do Iguaçu: CLAEC, 2021.

VARGAS, João H. Costa. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, p. [Página inicial-final], 2020.

WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismo**. Tradução de Rogerio W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: Todavia, 2021.